

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Fundamental
Coordenação- Geral De Educação Ambiental

PARÂMETROS EM AÇÃO
 MEIO
AMBIENTE
NA ESCOLA

**ORIENTAÇÕES
PARA O
FORMADOR**

PARA REALIZAÇÃO DA FASE 1

Tiragem Limitada

Brasília, 2002

Secretaria da Educação Fundamental

Iara Areias Prado

Chefia de Gabinete

Maria Auxiliadora Albegaria Pereira

Departamento de Política da Educação Fundamental

Maria Amábile Mansutti

Coordenação- Geral de Educação Ambiental

Lucila Pinsard Vianna

Equipe da COEA

Anna Lourdes Lima Vieira Tani

Ângela Martins

Daisy Elizabete de Vasconcelos Cordeiro

Regina Célia Ferreira de Oliveira

Marcela Souto de Oliveira Cabral Tavares

Maria Alessandra Lima Moulin

Patrícia Ramos Mendonça

Sônia Marina Muhringer

Estagiários

Sérgio Antonio Leitão Pereira

Patrícia Ferreira Lago

Viviane Evangelista dos Santos

Apoio

Kátia Nóbrega Dutra

Leandro Pereira de Oliveira

Elaboração do Manual

Antonia Terra de Calazans Fernandes

Sônia Marina Muhringer

Colaboração

Adriane Costa da Silva

Fabrizio Violini

Jeci Bulhões de Araújo

Lucila Pinsard Vianna

Regina Célia Ferreira de Oliveira

Rosana Núbria Sorbille

Rosemari Jellmayer Fechio

Revisão

Rosemari Jellmayer Fechio

Diagramação

Patrícia Ramos Mendonça

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE A PAUTA..... | 7 |
| Pauta do encontro..... | 7 |
| Providências necessárias para o encontro | 7 |
| Leitura literária | 8 |
| Atividade de apresentação..... | 10 |
| Caderno de registro individual | 10 |
| Caderno de registro volante..... | 11 |
| Pauta geral..... | 11 |
| Combinados | 11 |
| Seqüência didática..... | 11 |
| Estudo do meio | 12 |
| Atividade de simulação | 13 |
| Procedimentos metodológicos de formação de professores | 14 |
| Planejamento de estudo e trabalho dos coordenadores..... | 16 |
| Avaliação..... | 18 |
| Relatório..... | 18 |
| | |
| PAUTA GERAL..... | 21 |
| Objetivos do Encontro..... | 21 |
| Primeiro dia | 22 |
| Segundo dia | 29 |
| Terceiro dia | 38 |
| Quarto dia | 42 |
| Quinto dia..... | 43 |
| | |
| ANEXOS..... | 47 |
| Pauta resumida do encontro | |
| Combinados | |
| Seqüência didática - Módulo 3 | |
| Orientações para atividade de simulação | |
| Ficha de freqüência | |
| Ficha de avaliação | |
| Texto- Madalena Freire | |
| Cadastro do Grupo | |
| Plano de Trabalho com o coordenador de grupo | |

INTRODUÇÃO

*“o observador /criador deve se incluir na observação e na concepção.
O conhecimento necessita de auto conhecimento.”
Edgar Morin*

Este manual tem várias finalidades. A primeira delas é atender a necessidade de expansão do programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola nos estados e municípios, com coordenadores gerais, que não tiveram oportunidade de participar da Fase 1. A segunda é contribuir ainda mais para o trabalho dos coordenadores de grupo já atuantes na formação continuada de professores com o tema meio ambiente.

A Fase 1 é a etapa de formação dos coordenadores gerais e de grupo que atuam na formação continuada de professores do segmento de 5ª a 8ª séries.

São 3 objetivos básicos da Fase1:

1. possibilitar aos coordenadores contato com os materiais do programa e conhecimento das estratégias e atividades propostas no Guia do Formador;
2. contribuir para segurança dos coordenadores nos estudos com os professores com o tema meio ambiente; e
3. discutir e oferecer modelo de formação em serviço alternativo ao modelo convencional.

O encontro de Fase 1 inclui a formação dos coordenadores para o desenvolvimento de quatro competências profissionais básicas, já pautadas no programa *Parâmetros em Ação*:

- leitura e escrita;
- trabalho compartilhado;
- administração da própria formação; e
- reflexão sobre a prática pedagógica.

E, na sua especificidade, o programa Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola prioriza a discussão dos conteúdos da temática ambiental, propondo desenvolvê-la de forma transversal e interdisciplinar, valorizando o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento presentes no currículo escolar.

Antecede o encontro de Fase 1, um encontro local - *Encontro de Apresentação* - com as secretarias (secretários de educação, diretores de escola e coordenadores do programa Parâmetros em Ação) interessadas em aderirem ao programa, para apresentação dos critérios e condições de sua implementação. Nesta reunião, os formadores do MEC coletam algumas informações importantes para o encontro da

Fase 1: quais as questões ambientais locais mais sérias e quais as indicações de locais e assessorias para realização de um trabalho de estudo do meio.

Os estados e municípios que não terão oportunidade de fazer a Fase 1 do programa, com a coordenação dos formadores da COEA, participam do que se denomina de Big Fase 1 - ou seja, uma Fase 1 diferenciada, orientada para formação de coordenadores gerais das secretarias de educação responsáveis, mais tarde, pela formação de seus coordenadores de grupo locais. Para esta situação, o manual subsidia estes coordenadores gerais para assumirem a função de formador, semelhante à dos formadores da COEA.

O manual foi estruturado assim com pautas, dicas, informações e relatos de experiências para orientar a formação inicial de coordenadores. Sugere como conduzir trabalhos em grupo, estratégias de formação e propostas para o encaminhamento dos conteúdos do guia do formador.

No trabalho sugerido no manual está presente a idéia, de maneira ampla e construtiva, de que tanto para o formador como para os coordenadores em formação, devem ser favorecidos a escuta ao outro, respeito, negociação, cooperação, trabalho coletivo, construção de vínculos, trocas de pontos de vista, envolvimento, reflexão individual, exposição de formas de pensar diferentes, expressão de idéias individuais, locais e culturais, troca de conhecimentos, situações de aprendizagem, debates, discernimentos de conceitos, reflexões didáticas e metodológicas e avaliações permanentes.

Da perspectiva do formador, de modo geral, o trabalho representa um desafio de aprendizagem, pesquisa e avaliação sobre questões pertinentes aos temas em debate e às metodologias de formação de professor. E, por conseguinte, é importante que essas reflexões possam ser socializadas em relatórios e em reuniões entre formadores. O trabalho do formador explicita-se na sua pauta de atividades e nas reflexões que expressa em seus relatórios.

A pauta de trabalho sugerida neste manual foi produzida a partir do trabalho coletivo iniciado pela equipe de formadores da COEA/SEF/MEC. E a iniciativa de organizá-lo é um esforço, entre outras ações da COEA, para institucionalizar a EA nos sistemas de ensino.

Esperamos que o manual possa auxiliar no enfrentamento do desafio da formação em serviço de educadores para o tema transversal Meio Ambiente.

Desejamos a todos bom proveito e boa sorte!

Coordenação-Geral de Educação Ambiental
Secretaria do Ensino Fundamental

ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE A PAUTA

Pauta do encontro – FASE 1

Os formadores devem ter uma pauta de trabalho organizada para o *Encontro de Formação de Coordenadores*. Ela é um instrumento de organização das atividades e de avaliação do trabalho realizado. Organizar a pauta e avaliá-la são momentos fundamentais do programa.

A pauta do encontro deve atender aos objetivos propostos para a Fase 1, explicitar a proposta de trabalho, conter as atividades, detalhar os encaminhamentos metodológicos e os materiais utilizados.

A pauta apresentada foi construída pela equipe da COEA/SEF/MEC, com base na experiência dos *Parâmetros em Ação*. Ela deve ser referência para a realização dos encontros, ao mesmo tempo que deve ser permanentemente avaliada, adaptada e revista.

Dica : Ao modificar a pauta, considere os objetivos do encontro, que as escolhas das estratégias devem ser coerentes com a proposta de formação de professores do programa *Parâmetros em Ação*, e que as atividades devem manter uma lógica entre elas ao longo da semana.

Dica 2: Os objetivos do encontro, definidos na pauta, podem ser apresentados aos participantes no primeiro dia e podem ser recuperados no último dia, como critério de avaliação. Alguns formadores preferem pedir para os participantes escolherem e prestarem atenção a um dos objetivos do encontro ao longo da semana, verificando se foi perseguido e realizado.

Providências necessárias para o encontro

Todo formador deve na preparação dos encontros:

- organizar sua pauta e seus materiais;
- providenciar cópias xerografadas necessárias (textos, fichas e planos de trabalho), com antecedência;

- informar-se sobre onde será o estudo do meio e preparar os materiais e as atividades necessárias.

Dica: Recomenda-se que o formador acompanhe a organização do encontro, checando com antecedência a existência dos documentos e textos necessários, dos materiais, equipamentos, dos dias previstos para o estudo do meio e se eventualmente estará acontecendo alguma programação não prevista anteriormente (cerimônia de abertura, presença de artistas locais, etc). Isto tem o objetivo de minimizar o fator surpresa com informações que chegam de última hora. Perante estas eventualidades, muitas vezes não há tempo hábil para a organização (e/ou reorganização) das atividades.

Leitura literária

A pauta do *Encontro de Formação de Coordenadores* inclui leituras literárias diárias, com o propósito de debater metodologias de formação de professores e sensibilizá-los para a importância de investir permanentemente na formação de leitores.

O *Guia do Formador* apresenta muitas sugestões de textos para serem lidos, mas o formador pode selecionar aqueles de sua preferência, atentando para a especificidade do tema meio ambiente e para as finalidades pedagógicas estabelecidas pela atividade que escolher.

É sugerido ao formador que se prepare para fazer a leitura literária, conhecendo o texto e seu autor, treinando para ler em voz alta e pensando em estratégias de intervenção - pausas, levantamento de hipóteses dos participantes, questões para debate, etc.. E que considere também a importância de ler de preferência textos diretamente dos livros de onde foram extraídos. Formar leitores significa também favorecer contato com autores e suas obras. Dos textos extraídos de fontes como jornais e revistas devem ser feitas cópias de seu formato original. No caso de textos da Internet, é importante citar a origem.

É recomendado que os participantes recebam cópias dos textos para acompanhar a leitura.

Dica1: Textos científicos e de divulgação científica estão presentes no programa em outros momentos e atividades. Assim, especificamente neste programa, a leitura literária é distinta da realizada com estes outros tipos de textos. É importante estar atento também para o fato de que textos literários são distintos de textos de "auto-ajuda". Como o objetivo do programa é estimular a formação de leitores, apresentando bons escritores e bons livros, recomenda-se que sejam evitados textos sem autoria e de cunho religioso e esotérico.

Dica 2: É importante que o formador dedique um tempo ao preparo da leitura, com a finalidade de torná-la mais atraente e interessante. Essa preparação inclui pesquisa sobre o autor, a obra, conhecer a fundo o texto, sua estrutura, suas metáforas, alegorias... Na hora da leitura, sempre temos algo a acrescentar: uma curiosidade, uma construção poética, uma ambigüidade... que não foram percebidas pelo grupo. Essa pesquisa feita com antecedência garante ao formador maior segurança caso queira estimular e/ou conduzir uma discussão, na seqüência.

A preparação da leitura nos obriga, ainda, a ler várias vezes o texto em voz alta, a fim de tirar dela o maior proveito possível, porque a leitura como qualquer ato lingüístico verbalizado, precisa, ao se concretizar, dos recursos gestuais, de entonação, ritmo... Com eles, podemos dar destaque ao trágico, ao cômico, à essência... Chamar atenção para além das palavras do texto, garantindo aos receptores a percepção da simbologia que o permeia, que vai muito além do que está literalmente escrito.

Dúvida possível:

- *Quem lê o texto literário?*

Como faz parte dos objetivos da atividade apresentar referências de leitura, quem lê o texto é o formador, porque ele escolheu o texto, preparou a leitura antecipadamente, escolheu os momentos de pausa ou outras estratégias para problematizá-lo.

Atividade de apresentação

Para um grupo que vai conviver durante cinco dias, é importante criar um momento de apresentação. O *Guia do Formador* faz sugestões de atividades de apresentação nas p.p. 27 e 28.

Dica: Mesmo a situação de apresentação merece atenção do formador da perspectiva da escolha de estratégias coerentes com as finalidades que se espera alcançar, principalmente tendo em conta os objetivos do programa e do encontro de Fase1. Algumas sugestões de apresentação, por exemplo, incluem a escrita de cartas ou memórias tendo em vista o objetivo de estimular a formação de escritores e de desencadear, na seqüência, a sugestão de organização do *Caderno de Registro* individual do coordenador e do professor. Lembramos que se pautar por objetivos pedagógicos e escolhas de estratégias didáticas é diferente de utilizar as chamadas "dinâmicas" e "sensibilizações".

Caderno de registro individual

Uma das responsabilidades do formador é sensibilizar os coordenadores para ter e utilizar o *Caderno de Registro*. É importante o próprio formador ter seu caderno, utilizá-lo como modelo nas orientações, e desenvolver atividades específicas de uso (em situações de escrita individual e produções coletivas) ao longo do encontro.

Os objetivos do *Caderno de Registro* estão explicitados na p. 21 do *Guia do Formador*. É possível consultar, também, o *Guia de Orientações Metodológicas Gerais*.

Como é um instrumento de registro, o formador pode utilizá-lo para registrar as informações, reflexões e avaliações de seu trabalho ao longo do encontro, colhendo dados, por exemplo, para seu relatório.

Dica: Lembramos que o *Caderno de Registro* do formador, se bem organizado, é uma referência importante para os coordenadores elaborarem os seus. Pode circular entre os participantes do encontro.

Caderno de registro volante

O Caderno de registro volante é sugerido ao longo das atividades do programa *Parâmetros em Ação - Meio Ambiente na Escola*, e suas funções e objetivos estão explicitados na p. 21 do *Guia do Formador*.

No início de cada encontro, o formador pode organizar o caderno para os coordenadores registrarem seus dados – nome, endereço, formação...

Exemplo:

| | |
|---------------|---------|
| NOME: | |
| FORMAÇÃO: | |
| CARGO/FUNÇÃO: | |
| LOCAL: | |
| ENDEREÇO: | |
| TELEFONE: | E-MAIL: |

Pauta geral

É importante apresentar a pauta geral das atividades do encontro para os participantes no primeiro dia, acompanhada de registro escrito (cópia xerox ou escrita no quadro de giz). É um modo de explicitar os objetivos do trabalho e permitir que conheçam o roteiro dos acontecimentos planejados.

Combinados

A experiência de formação de professores tem indicado a importância de fazer combinados (contrato didático) com os participantes para garantir boas condições de trabalho e um ambiente favorável ao estudo.

Sobre o assunto é possível consultar o *Guia de Orientações Metodológicas Gerais* que está no kit do coordenador.

Seqüência didática

A experiência de coordenar atividades propostas no *Guia do Formador* indica que escolher uma atividade do meio do módulo (de número 2, 3 ou 4) é pouco recomendável em um trabalho inicial (de Encontro de Fase 1), porque solicita que os participantes tenham domínio de conceitos que devem ter sido estudados em

atividades anteriores. Assim, para este encontro, foram escolhidas atividades de "número um" para serem coordenadas pelo formador e, como sugestão, para simulação. O formador tem a responsabilidade, ainda, de apresentar aos participantes a discussão sobre seqüências didáticas/conceituais dos módulos.

Foi então introduzida na pauta uma discussão com os coordenadores sobre a coerência interna dos módulos e a imprudência de selecionar atividades soltas para realizar com os professores. Para isso, tem sido proposto um trabalho para evidenciar as "seqüências didáticas/conceituais" das atividades do *Guia do Formador* e suas relações internas dentro de cada módulo. Neste esforço, foi organizada uma síntese das finalidades das atividades do módulo 3 e sua inter-relação conceitual (Anexo).

Dica: Para aprofundar estudos sobre seqüência conceitual/didática, recomenda-se: ZABALA, Antoni. *A prática educativa. Como ensinar*. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Estudo do meio

Para todo encontro de formação de coordenadores deve ser planejado um estudo do meio. A proposta é valorizar aspectos ambientais locais com visitas *in loco* e debater metodologias de pesquisa de campo (a partir de uma perspectiva ampla), incentivando trabalhos semelhantes entre professores e alunos

O estudo do meio deve ser preparado com antecedência, com a parceria da secretaria de educação, e deve ser orientado por uma equipe de especialistas da região. As possibilidades de onde ele deve ocorrer devem ser levantadas junto com a equipe da secretaria.

Salientamos que a finalidade do estudo do meio é principalmente debater com os professores a metodologia de trabalho e a importância de estudos *in loco*. No *Guia de Atividades para Sala de Aula*, há roteiros de diagnósticos ambientais que podem ser orientadores neste trabalho.

Dica: Lembramos que para a realização do *Estudo do Meio* é necessário despende um tempo antes da fase 1, para planejamento, organização e providências. A secretaria, por exemplo, deve providenciar as condições para sua concretização, como transporte (quando necessário) e uma ou mais pessoas para orientar e debater questões ambientais locais (um educador ambiental, um professor especializado ou representante de ONG ambientalista).

Dica 2: No caso do estudo do meio ser orientado por profissional especializado da área ambiental, é útil lembrá-lo de adequar sua linguagem e conteúdo ao público não especializado.

Atividade de Simulação

A simulação é o momento do encontro quando os participantes, reunidos em grupo, escolhem, planejam e coordenam atividades apresentadas no *Guia do Formador*. A proposta é sugerir temas pertinentes com a realidade ambiental local, já levantados anteriormente na reunião de apresentação. No encontro realizado no Acre, por exemplo, entre as atividades de simulação estava o tema BIODIVERSIDADE; e, em Irecê (Bahia), atividade com o tema ÁGUA.

São propostas, também, atividades envolvendo temas importantes para aprofundamento da questão ambiental como, por exemplo, SUSTENTABILIDADE.

O momento de simulação é importante porque propicia uma vivência do que cada coordenador irá enfrentar depois, com a vantagem dele poder contar com a ajuda de outras pessoas para planejar, coordenar e avaliar o trabalho e seus procedimentos. Assim, é possível identificar problemas, dificuldades e lições que podem ajudar mais tarde na organização e implementação do programa e no planejamento e coordenação das atividades.

Por conta do tempo, geralmente os participantes são divididos no máximo em três grupos. Todos têm um momento (2 a 4 horas) para planejar, selecionar os materiais necessários e montar uma pauta do trabalho que irá coordenar. Recebem a orientação para organizar uma apresentação de, no máximo, uma hora. Escolhem as atividades a partir de algumas sugestões listadas pelo formador. Neste caso, o formador precisa ter algumas indicações de atividades que possam ser feitas em pouco tempo e, ao mesmo tempo, que possibilitem debater diferentes tipos de estratégias didáticas e conceitos.

Para facilitar o trabalho dos coordenadores, os formadores devem levar e disponibilizar materiais necessários para a realização das atividades propostas. Por exemplo, transparências com imagens ou textos, letras de música para xerox, CD, pranchas com ilustrações, etc.

Dica: No planejamento das simulações pelos grupos, são oferecidas algumas atividades alternativas. Mas, sempre orientar as escolhas para que um grupo faça a simulação da *Atividade 1 do Módulo 5 - Sustentabilidade*. Se o formador sugerir um leque muito amplo de escolhas, considerar que nem sempre são adequadas atividades do meio dos módulos. O material foi organizado a partir de graduações conceituais e uma atividade de número 2 ou 3, por exemplo, demandam domínios de conceitos de atividades anteriores. Caso um grupo tenda a querer realizar uma dessas atividades do meio do módulo, é importante conversar com ele, explicando a presença desta dependência conceitual e sugerindo a escolha de uma atividade de número 1. Lembramos ainda que tem sido fundamental a presença do formador orientando a organização e escolhas das estratégias, pautas e materiais. É importante, por exemplo, orientar o que é prioritário na atividade, retomar as finalidades sempre, problematizar com o grupo a utilização de programas de vídeo para não ser utilizado apenas como ilustração.

Dica 2: É importante avaliar as figuras originais envolvidas na *Atividade 1 do Módulo 5 – Sustentabilidade*. Os formadores tem optado por substituí-las por outras com mais qualidade, definição e adequação ao desenvolvimento da proposta.

Procedimentos metodológicos de formação de professores

Um importante objetivo do encontro é debater com os coordenadores metodologias de formação de professores, a partir das atividades didáticas que desenvolve ao apresentar o material e os módulos. As reflexões nesse sentido podem ser disparadas a partir das atitudes adotadas pelo próprio formador, pela retomada das estratégias utilizadas ao longo das seqüências de atividades, durante as situações de simulação, nos momentos de avaliação, etc.

Por constituírem conteúdos específicos para reflexão e aprendizagem, as situações para debater essas metodologias devem constar da pauta de trabalho do formador.

Na pauta, assim, está previsto um momento (término da *Atividade 1 do Módulo 3*) para explicitar a metodologia de formação de professores, através de uma atividade em que o formador apresenta critérios para a **avaliação de seu próprio trabalho**. Foi escolhido, intencionalmente, um momento antes da atividade de simulação, para antecipar alguns critérios importantes de serem consideradas pelo coordenador no planejamento da atividade que irá coordenar; e para também não ficar receoso, mais tarde, de avaliar suas atitudes como formador. Neste caso, a avaliação deve ser debatida como uma situação de aprendizagem.

Os critérios de avaliação, adaptados da profa. Madalena Freire, são:

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO FORMADOR

O papel do formador

- O formador aproveitou dúvidas e questões surgidas?
- Criou situações desafiadoras?
- Foi problematizador?
- Considerou conhecimentos prévios dos participantes?
- Provocou os professores para que houvesse pluralismo de idéias?
- Organizou o conhecimento?
- Aprofundou teoricamente as discussões?

Sobre o registro

- Foram feitos registros (caderno, lousa, cartaz...)?
- Foram significativos?
- Demonstraram sintetizar idéias?
- Organizaram os conhecimentos do grupo?
- Foi utilizado pelo coordenador para fazer a relação entre teoria e prática?

Sobre os procedimentos metodológicos

- Os procedimentos didáticos foram desafiadores?
- Propiciaram interação? Cooperação?
- Foram diversificados?
- Todos puderam dar opiniões?

Sobre conteúdos tratados

- A atividade atendeu a finalidade do módulo?

Dica: Avaliar no final da atividade

Contribui para os coordenadores refletirem sobre estratégias de formação, pedir que avaliem as atividades realizadas, através de registros em seus cadernos. Neste caso, garanta no mínimo cinco minutos para que escrevam suas ponderações, que podem ser gerais ou dirigidas pelo formador. Uma forma é pedir que escrevam suas considerações gerais sobre a atividade realizada. Outra, mais dirigida, é pedir que escrevam o que consideraram bom, o que foi desnecessário ou mal encaminhado e as mudanças que sugerem. Outra ainda é pedir que escrevam dicas para eles próprios no futuro, quando irão realizar estas mesmas atividades com seus professores.

No final, é possível criar um momento para socializar as escritas e as considerações produzidas.

Lembramos que, simultaneamente, esta é uma atividade de avaliação e de uso do caderno de registro. Lembramos ainda que, muitas vezes, planejamos situações de avaliação, sem dimensionar o tempo para que elas aconteçam. Neste caso, é preciso incorporar à pauta e ao tempo previsto, o tempo da avaliação.

Planejamento de estudo e trabalho dos coordenadores

No último dia do encontro, os formadores devem auxiliar os coordenadores na organização dos planos de estudo dos módulos e dos cronogramas de trabalho referentes aos encontros com professores.

Para organização dos planos é importante que, com a presença do coordenador geral, sejam antes debatidos e definidos os seguintes pontos:

- qual será a disponibilidade de tempo remunerado dos coordenadores para estudo/planejamento e para trabalho com os professores, especificamente para o Programa Parâmetros em Ação Meio Ambiente na Escola?
- Como serão organizadas as reuniões entre coordenadores de grupo e entre estes e os coordenadores gerais? (quantificar a periodicidade e carga horária)
- como serão organizados os encontros com os professores (na escola, em grupos interdisciplinares, entre municípios...)?
- como e quem fará a mobilização dos professores?
- qual será a periodicidade dos encontros do grupo de estudo (semanal, quinzenal, mensal...)?

- qual será a carga horária por encontro?
- qual será a carga horária planejada para ser cumprida ao longo do programa (no mínimo 75 horas, e no máximo 115 horas...)?
- quem são as pessoas responsáveis em acompanhar o programa na secretaria de educação (nome, cargo....)?
- quais as datas previstas para os encontros acontecerem?

Para esclarecimentos de dúvidas, o formador pode orientar coletivamente o preenchimento de um plano, como exemplo. Depois, cada município deve preencher o seu plano específico de trabalho. É importante que neste momento sejam organizadas as atividades no tempo por meio de um cronograma – como um exercício de planejamento.

Recomenda-se que todo o desenvolvimento do programa, em suas diferentes etapas, seja documentado com planejamentos, cronogramas, fichas de presença, fichas de cadastro dos professores e escolas, instrumentos de acompanhamento e avaliação, etc.

Dica: Para o planejamento e organização do trabalho a ser realizado com os professores é preciso de tempo. Como estimativa, pode-se adotar que este tempo para o planejamento é o dobro do tempo necessário para o estudo com os professores. Por exemplo: o trabalho das 4 atividades do módulo 3 com os professores tem duração média de 16 horas. Portanto, para a preparação destas atividades o coordenador necessitaria de 32 horas. No total, entre preparação e estudo com os professores, o coordenador de grupo necessitaria somente para o módulo 3 de 48 horas (32 h + 16 h).

Este tipo de raciocínio pode ser extrapolado para o programa como um todo. Se o grupo fizer a opção por desenvolver todas os módulos, serão necessários cerca de 115 horas de trabalho com os professores. Porém, todo este trabalho deverá ser planejado e preparado, o que pela nossa estimativa, levaria o dobro de tempo, ou seja, 230 horas. Portanto, para a realização de todo o programa, entre preparação, organização e estudo com os professores, o coordenador de grupo necessitará de 345 h (230 horas de preparação + 115 horas de estudo com os professores).

Avaliação

O formador pode escolher momentos e modelos de avaliação que sejam indicativos do aproveitamento do trabalho, das questões pertinentes à pauta e que indiquem a importância de atingir as finalidades propostas nas atividades.

Sempre que possível, é importante explicitar para os coordenadores a finalidade da atividade desenvolvida e, no final, avaliar com eles se ela foi atingida. Ao mesmo tempo, é fundamental explicitar e debater a avaliação como um procedimento metodológico do processo de formação tanto do formador, do coordenador, quanto do professor em sala de aula.

Se o formador sentir necessidade, pode encontrar orientações no *Guia de Orientações Metodológicas Gerais*, que faz parte do Kit Coordenador.

No final do encontro, é fundamental entregar a *Ficha de Avaliação* para os coordenadores preenchê-la. E depois devem ser lidas e sistematizadas. Elas são indicadores para o formador repensar a formação de professores, concepções, valores e, assim, desenvolver de maneira mais consciente seu trabalho.

Providências necessárias para o encontro

Todo o formador deve na preparação dos encontros:

- Organizar sua pauta e seus materiais;
- Providenciara cópias de xerox necessárias (textos, fichas e planos de trabalho), com antecedência;
- Providenciar informações sobre onde será o estudo do meio e preparar os materiais e as atividades necessárias;
- Atentar para condição de espaço onde será o encontro e os equipamentos.

Relatório

No final de cada encontro, o formador deve elaborar um relatório para documentar o programa. Dele devem constar avaliações e informações administrativas (número de participantes, funções que exercem, formação, instituição de vínculo...) e pedagógicas.

Do ponto de vista pedagógico, sempre é importante avaliar a pauta, as atividades, as estratégias (se foram as melhores ou não), as especificidades do grupo, os encaminhamentos novos (criados diante das circunstâncias), se as leituras literárias foram adequadas, o envolvimento dos participantes, as experiências que eles já trazem dos *Parâmetros em Ação*, as dificuldades de aprendizagem ou, no trabalho realizado, o que deu certo e o que não deu, as lições adquiridas, os problemas locais para implementação etc...

Da perspectiva administrativa é possível constar os dados da folha de rosto abaixo.



Sugestões Folha de Rosto do Relatório

Identificação do Relatório

- Autor do Relatório.
- Data do Relatório.
- Período ao qual se refere o Relatório.
- Local e fase a qual se refere o Relatório.
- Caracterização do local - Estado, Município - onde foi realizado o encontro.
- Caracterização do Grupo:

a- Função

Exemplo:

| Professor | Diretor | Coordenador (especificar) | Outros (especificar) |
|-----------|---------|---------------------------|----------------------|
| 15 | 08 | 01- Geral | 02-Técnico |
| | | 20- Grupo | |

b- Formação Acadêmica

Exemplo:

12- magistério
06- 2º Grau
03- Pedagogos

- Tabulação dos dados obtidos nas avaliações do grupo - na Fase 1.

Dicas gerais:

- Interagir constantemente com o grupo.
- Criar sempre um ambiente de boa convivência e de respeito.
- Nos combinados, compartilhar com o grupo a preocupação de manter uma boa convivência entre os participantes ao longo da semana.
- Sempre questionar o grupo através de boas perguntas sobre o que está trabalhando. Lembre-se de que é fundamental dominar bem o tema de estudo para saber fazer boas perguntas.
- É preciso aprender a ouvir. Procedendo assim, avalia-se o melhor momento para intervir.
- Nunca apresentar conceitos prontos, mas tentar construí-los coletivamente.
- Em alguns grupos há pessoas que dominam os debates. Faça tentativas para democratizar a participação, possibilitando que todos façam suas colocações e manifestem suas opiniões.
- Após o almoço, o grupo geralmente fica sonolento, para resolver esse “probleminha” nada melhor do que a leitura de um texto que provoque risos (descontraído) ou seja impactante - desperta mesmo! Mas, não se esqueça de priorizar a qualidade literária do texto.
- Quando o formador não concorda com determinada intervenção ou fala do participante, a melhor maneira de lidar com a situação não é contra-argumentar, mas devolver para o grupo, compartilhar a dúvida, perguntando se todos concordam com a fala ou ato do colega. Assim, o formador poderá ouvir várias opiniões, ao mesmo tempo em que constrói seu argumento e se prepara para mediar o debate.
- A administração do tempo é fundamental, sempre que as intervenções se descolarem do foco da discussão, pedir desculpas a quem está “divagando” e retomar ao ponto central da discussão. Se não for possível, avalie com o grupo a competência do formador na administração do tempo.

• PAUTA GERAL

Objetivos do encontro

- Apresentar o programa
- Apresentar o material (cadernos, mapa e CDs), além de trabalhá-los nas atividades
- Discutir metodologia de formação continuada de professores
- Conhecer a estrutura do guia, suas propostas, organização dos módulos...
- Discutir conceitos fundamentais como biodiversidade, sustentabilidade, relações ser humano, sociedade e natureza
- Apresentar a proposta de construir um projeto de Meio Ambiente que faça parte do projeto educativo da escola
- Realizar estudo do meio, inserindo-o dentro das questões ambientais da região atualmente
- Criar boas relações com o grupo
- Apresentar boas referências de leitura literária com o tema meio ambiente
- Avaliar os trabalhos realizados no encontro
- Iniciar combinados sobre a implementação do programa (organização do plano de trabalho dos coordenadores)

Dica: Antes de cada encontro, monte sua pasta com todos os materiais que serão utilizados: a pauta, textos literários, transparências (fotos, ilustrações, sínteses, proposições de atividades), lista de presença, pranchas de materiais, etc.. Separe, também, os livros que precisam ser usados para leitura literária. Faça também, separadamente, uma coletânea de textos que precisam ser xerocados e lembre-se de encaminhá-los para as pessoas responsáveis pelos encontro.

Primeiro dia

🕒 Manhã

◆ **Leitura literária** - Rachel de Queiroz - "Os pássaros"

- Xerocar o texto e entregar - explicar que foi reproduzido do arquivo do "Estadão" na Internet

◆ **Atividade de apresentação**

- Explicar aos participantes que vamos fazer uma atividade para todos se apresentarem.
- Pedir para escreverem um texto que contenha a sua apresentação pessoal para o grupo e uma lembrança marcante de sua relação com questões do meio ambiente. A forma do texto deve ser uma carta para entregar a uma outra pessoa. Ela lerá para o grupo. Para fazer a escolha, recolhemos os crachás e os distribuimos de modo aleatório. Não havendo crachás, podemos recolher as cartas, misturá-las e entregá-las aleatoriamente.
- Anotar na lousa a proposta dos conteúdos da carta:
 - *apresentação pessoal e profissional;*
 - *expectativa em relação ao encontro da semana; e*
 - *uma questão ambiental que foi ou tem sido marcante para a pessoa.*
- Propor que a carta seja escrita de 15 a 20 minutos.
- Todos entregam suas cartas.
- Cada um lê a carta que recebeu, na frente da classe (pode ser com a ajuda de quem escreveu).
- Avaliar a atividade.
- Recuperar estratégias da atividade.

Dica: Cuidar no momento de leitura da carta de apresentação para não ficar uma situação muito cansativa. Um dos cuidados possíveis é, por exemplo, colocar os participantes em círculo, pedir que levantem da cadeira e apresentem em voz alta, sugerir que quem escreveu fique ao lado de quem está lendo sua carta, etc. Este é um momento oportuno para debater a importância de ouvir os demais. Geralmente, as pessoas concordam em ouvir, mas ficam

impacientes nestas situações em que muitos outros precisam ter voz. Os conteúdos das cartas são propícios, também, para identificação das expectativas dos participantes em relação à semana do encontro. É importante ficar atento para o fato de que algumas pessoas vão com a expectativa de assistir um curso sobre a temática ambiental. Assim, este é o momento para esclarecer que estamos discutindo formação continuada de professores dentro da temática Meio Ambiente e não fornecendo uma capacitação de conteúdos da educação ambiental. Ou seja, o encontro tem como pauta as metodologias de formação, a apresentação do programa e de seus materiais e abordagem inicial apenas de alguns conceitos e idéias fundamentais do tema meio ambiente.

Registro da apresentação

"Penso em modificar a solicitação da carta de apresentação para a última versão proposta pela Antonia, isto é, colocar o roteiro da carta na lousa: apresentação pessoal, história da relação com a natureza e a expectativa relativa ao Encontro. (Quando trabalhei com o formato proposto até gostei porém, assistindo em outros momentos, achei cansativo e como todos acham um pouco chato, deve ser mesmo)" - Relatório Regina Celia Ferreira de Oliveira - Acre - novembro de 2001.

◆ **Caderno de Registro**

- Observação: Observar que entre os presentes, provavelmente, muitos participam ou participaram do PCN em Ação. Assim, pode ser que muitos já tenham seus CR e experiências para contar. É importante valorizar estes conhecimentos, ponderando o tempo despendido para os relatos e a necessidade de apresentar o CR para aqueles que não conhecem a proposta;
- Apresentar caderno de registro pessoal do formador;
- Propor que os participantes colemb nos seus cadernos a carta;
- Pedir que escrevam no cadernos algumas reflexões sobre a atividade de apresentação, considerando, entre outras coisas, aspectos positivos e negativos da atividade e como faria a coordenação desta mesma atividade, se necessário, de outro modo;
- Pedir para voluntários lerem o que escreveram;

- Avaliar a estratégia de registro;
- Recomendar que todo formador tenha seu CR.

Registro sobre CR

"Um dos presentes afirmou, naquele momento que: *“Escrever no caderno é muito proveitoso. É interessante porque hoje nós temos uma forma de pensar, no final do processo posso estar pensando de outra forma. Assim, o registro escrito permite lembrar. Pode ser usado como documento para reavaliar o trabalho”*. (Caderno de registro, 19/11/2001)" - Relatório Andréa Lourdes Monteiro Scabello - Acre - novembro de 2001.

◆ **Caderno Volante**

- Apresentação do CV;
- Discutir sua função;
- Escolher pessoas (voluntários) para escreverem nele;
- Discutir estilo de texto e conteúdos importantes;

Dica: A experiência tem demonstrado que a grande maioria dos registros no caderno volante é feito como se fossem atas de reuniões, restringindo-se a relatar o acontecido. Apesar deste estilo também ser válido, é oportuno lembrar ao grupo que existem outros e que, embora o objetivo do caderno volante seja identificar as experiências vividas pelo grupo, é também desejável o registro das impressões e reflexões pessoais de quem escreve.

Registro sobre o CV

"Ficou decidido, também, que a leitura do caderno volante marcaria o término de nossos trabalhos no final da semana. Entretanto, à tarde, o voluntário pelos registros da manhã pediu insistentemente para ler seu relatório. Curvei-me diante do argumento de que seria interessante fazer uma avaliação preliminar do texto – forma e conteúdo. Acho que a leitura foi providencial, pois algumas terminologias foram usadas de modo inadequado: curso, dinâmica... e pudemos discuti-las." - Relatório Rose Fecho - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

“Apresentei o CR e o CV e discutimos a função, importância e dificuldades apresentadas para o registro. Aproveitei a experiência

apresentada por muitos dos participantes para conduzir a discussão e provocar uma participação maior. Apesar da boa discussão e de todos avaliarem que o registro era fundamental e que os professores resistem a ele, foi “ à fórceps” que saíram os voluntários para o CV.”- Relatório Sonia Muhringer – São José dos Campos – São Paulo – abril de 2002.

① **Tarde**

◆ **Leitura literária**

Registro da leitura literária em relatório

"À tarde, Antonia reavaliando a participação das pessoas durante a manhã considerou que elas estavam um pouco desanimadas, talvez fosse por causa do calor excessivo. Então resolveu iniciar os trabalhos com a Leitura do texto “Boi da Cara Preta”, de autoria de Carlos Carvalho.

Antes da leitura, foi feita a seguinte questão: Qual é o tema deste texto? Alguns acharam que se tratava de um texto folclórico, outros de uma canção de ninar. De qualquer forma, esta pergunta instigou a curiosidade dos leitores que passaram a ouvir a história atentamente. Pareceu que a estratégia funcionou. O público se animou!" - Relatório Andréa Lourdes Monteiro Scabello - Acre - novembro de 2001.

◆ **Apresentação da pauta do encontro**

- Apresentar pauta resumida através de transparência ou escrita na lousa
- Explicar principais momentos do encontro
- Entregar xerox da pauta resumida (ver anexo)

◆ **Elaboração dos combinados com os participantes**

- Pedir para uma pessoa anotar no CV o que ficar decidido
- Projetar a transparência com algumas lembranças de combinados
- Fazer combinados do tipo: horário, anotações no CR e no CV, respeito à fala dos colegas, participação das pessoas, valorização das idéias e reflexões de todos (estamos todos aprendendo), contribuir para avaliação do encontro e do papel do coordenador, desligar o celular....
- Pode fazer referência ao texto sobre **Contrato Didático** da p. 31 - 1º e último parágrafos do Guia do Formador.

Registros do contrato didático em relatórios

"Na seqüência, apresentei a pauta do encontro e elaborei com os participantes o contrato didático, ou combinados, como alguns preferem. Particularmente, optei pela terminologia – contrato didático – pelo fato de estar registrada no Guia do Formador e já sedimentada ao longo dos PCNs em Ação. Como implica em participação negociada não vejo o contrato didático como instrumento autoritário, e não tenho dúvidas de que é um forte aliado do coordenador. Ao longo da semana, eu me vali dele algumas vezes, para conter, por exemplo, o exagerado entusiasmo de alguns." - Relatório Rose Fecho - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

* * *

"Antonia releu a pauta do dia com a finalidade de tratar dos "Combinados". Foram estabelecidos acordos quanto:

- ao horário;
- a necessidade de uso do caderno de registro por todos;
- ao registro no caderno volante;
- ao respeito aos indivíduos (a exemplo de ter paciência para ouvir os outros, respeitar a fala do colega, estar aberto ao diálogo, possibilidade de expor as idéias e as dúvidas);
- ao uso do celular;
- ao ambiente de trabalho (manter o lugar organizado e limpo evitando desperdício de materiais, a exemplo dos copinhos de plástico). " - Relatório Andréa Lourdes Monteiro Scabello - Acre - novembro de 2001.

◆ **Apresentação do material**

- Entregar os materiais disponíveis aos participantes.

O coordenador apresenta os materiais dos kits, mostrando cada um, ou utilizando transparência já preparada.

Importante: Lembrar de explicar aos participantes que no material há dois CDs. Um é de música para ouvir em CD Player e o outro é de texto que só pode ser acessado pelo computador.

- Pode também dividir os participantes em 4 grupos. Cada um fica com a responsabilidade de apresentar parte do material
 - Grupo 1 - Apresenta os kits e seus materiais
 - Grupo 2 - Apresenta a estrutura interna do *Guia do Formador*

- Grupo 3 - Apresenta a estrutura do módulo 11
- Grupo 4 - Apresenta o *Guia de Atividades para Sala de Aula*
- Passar nos grupos e sugerir formas de apresentar.

Dica

Quando o formador orientar o grupo que ficar responsável por apresentar o *Guia do Formador*, pode sugerir que:

- Apresente os temas dos módulos pedindo para os participantes acompanharem no sumário.
- Peça para os participantes lerem as páginas 18 a 21, no **Guia do Formador** sobre a organização interna dos módulos.
- Peça para os coordenadores acompanharem a leitura observando a estrutura de um módulo, a estrutura de uma atividade e os itens explicados na página 20.
- Depois, discuta e converse sobre o Guia.
- Observação: o formador deve chamar atenção para a carga horária, o caderno de projeto, a coletânea de artigos, os textos complementares, os sites, as atividades que instigam o trabalho com questões ambientais locais.

Dica: Prepare a sua *Coletânea de Artigos sobre Meio Ambiente*. Além de ser extremamente prazerosa, a produção dela pode ser uma importante etapa do trabalho do formador. A escolha dos textos e imagens, do recorte dos temas, da forma de organização do caderno etc., possibilita um sem número de informações, de idéias, de formas de ver e representar e, portanto, de explicitar e reunir concepções diferentes sobre meio ambiente. Afinal, é um dos momentos que você seleciona os seus materiais dentro de sua experiência pessoal e profissional e compartilha com os professores, incentivando-os à criação das muitas e diferentes *Coletâneas* na escola. Salientamos que a proposta da coletânea, depois de apresentada aos coordenadores e professores, é dela ser construída coletivamente, disponibilizando pesquisas para aprofundamento dos temas ambientais e das relações entre estes temas da perspectiva local, regional, nacional e mundial.

◆ **Peruntas possíveis:**

- *Pode-se trocar a seqüência das atividades dentro de um módulo?*

Considerando que as atividades foram organizadas para contemplar a graduação de conceitos, suas complexidades, e diferentes fatores (sociais, políticos, ambientais...) envolvidos nas problemáticas encontradas na realidade, recomenda-se que sejam trabalhadas na seqüência em que se encontram no *Guia do Formador*.

- *Pode-se trocar a ordem dos módulos quando for trabalhar com os professores?*

A organização dos módulos também foi montada a partir de determinados princípios - constituição do grupo, identificação do que é um tema transversal, idéias e conceitos básicos do tema meio ambiente, conflitos e confrontos existentes na realidade, a questão ambiental na escola, questões ambientais específicas (tanto globais quanto locais), levantamento de dados sobre a realidade local, debate sobre as alternativas de tratamento interdisciplinar e transdisciplinar na escola, e, finalmente, a organização de projetos inserindo a questão ambiental no Projeto Educativo da Escola. Recomendamos, assim, muita atenção e sensibilidade, se houver a necessidade para mudar a ordem dos módulos ou excluí-los.

Registro da entrega do material em relatório

"Chegamos à grande hora do dia...a entrega dos Guias e, através de transparências, a apresentação do programa e de seus materiais. Seriam muitas as paradas necessárias, mas optamos por uma: a especificidade do caderno de projetos e da coletânea de artigos sobre meio ambiente. Por que, para que, como, quando, para quem e onde foram as chaves para uma importante reflexão que contou com exemplos de diferentes professores/disciplinas e introduziu o tema da interdisciplinaridade.

Organizados em grupos: tempo para folhear o Guia...tempo para ler...tempo para registrar. Socialização do percebido sobre a estrutura do Guia e dos módulos, comentários e questões." Relatório Rosana Núbia Sorbille - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.Registro da apresentação do material em relatório.

"A atividade fica muito mais interessante quando o material é apresentado pelo grupo e não em forma de transparência como previa inicialmente a pauta detalhada. Assim o grupo tem a oportunidade de ir se familiarizando com o material e a atividade já vai incentivando o trabalho

coletivo no grande grupo.” Relatório Marcela Souto de Oliveira Cabral Tavares- Joinville – Santa Catarina- abril de 2002.

Segundo Dia

1 Manhã

◆ **Leitura literária**

Registro da leitura literária em relatório

"No segundo dia, resolvi rever a pauta e os materiais que eu havia preparado para o encontro. Eu tinha escolhido vários textos novos para ler como leitura literária, mas considerei que eu poderia aproveitar para discutir também interdisciplinaridade. Assim, abandonei os textos que eu havia preparado e resolvi ler, apenas a partir do guia do formador (porque não levei o livro "Com palmas medida") o texto "Silvo de serpente". Acho que fiz uma boa escolha! Além de me sentir mais segura do que estava fazendo, porque tenho muita experiência com o texto, também possibilitou boas discussões sobre o trabalho com o tema transversal na escola e a questão da interdisciplinaridade." - Relatório Antonia Terra - Acre - novembro de 2001

◆ **Discutir Interdisciplinaridade**

- Sobradinho (música), **Guia do Formador** - Atividade 1, Módulo 8, p. 278.
- Pedir para os coordenadores acompanharem a letra da música no Guia, p. 278.
- Tocar a música (ver CD).
- Responder às questões propostas no Guia (p. 278), sobre o conteúdo da música. É possível ampliar a discussão: por que da escolha desse estilo de música (baião)? e quem é seu compositor?
- Apresentar as informações sobre Sobradinho e sobre Canudos (Guia, p.p. 279 – 281).
- Se o formador considerar necessário, apresenta informações sobre o autor e o estilo de música.
- Na seqüência, debater interdisciplinaridade a partir de algumas questões. Por exemplo:
 - Por qual disciplina escolar pode ser desenvolvida esta atividade na escola?

- Podemos dizer que esta atividade requer um tratamento interdisciplinar?
Por que? Como?
- Como é possível trabalhá-la interdisciplinarmente na escola?

Material para o formador:

"A **interdisciplinaridade** enquanto aspiração emergente de superação da racionalidade científica positivista, aparece como entendimento de uma nova forma de institucionalizar a produção do conhecimento nos espaços da pesquisa, na articulação de novos paradigmas curriculares e na comunicação do processo perceber as várias disciplinas; nas determinações do domínio das investigações, na constituição das linguagens partilhadas, nas pluralidades dos saberes, nas possibilidades de trocas de experiências e nos modos de realização da parceria.

Esta realização integrativa-interativa, permite-nos visualizar um conjunto de ações interligadas de carácter totalizante e isenta de qualquer visão parcelada, superando-se as atuais fronteiras disciplinares e conceituais.

Face a essas idéias, torna-se necessário repensar a produção e a sistematização do conhecimento fora das posturas científicas dogmáticas, no sentido de inseri-las num contexto de totalidade. Dessa forma, a complexidade do mundo em que vivemos, passa a ser sentida e vivida de forma globalizada e interdependente, recuperando-se assim, o sentido da unidade a qual tem sido sufocada pelos valores constantes do especialismo.

Trabalhar a interdisciplinaridade não significa negar as especialidades e objetividade de cada ciência. O seu sentido, reside na oposição da concepção de que o conhecimento se processa em campos fechados em si mesmo, como se as teorias pudessem ser construídas em mundos particulares sem uma posição unificadora que sirva de base para todas as ciências, e isoladas dos processos e contextos histórico-culturais. A interdisciplinaridade tem que respeitar o território de cada campo do conhecimento, bem como distinguir os pontos que os unem e que os diferenciam. Essa é a condição necessária para detectar as áreas onde se possa estabelecer as conexões possíveis. Como observa Gusdorf (1976:26), *"a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para colher as contribuições das outras disciplinas".*

HOLGONSI SOARES GONÇALVES SIQUEIRA. A Interdisciplinaridade como superação da fragmentação - (Prof. Ass. Depto de Sociologia e Política -

UFSM) *MARIA ARLETH PEREIRA* (Prof. Titular Prog.Pós-graduação-Centro Educação-UFSM)

Este texto faz parte de um trabalho maior publicado em forma de "Caderno de Pesquisa" (n.o 68 - Setembro de 1995) pelo programa de pós-graduação em Educação da UFSM, sob o título: "*Uma nova perspectiva sob a ótica da interdisciplinaridade*".

<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/interdiscip3.html>

Interdisciplinaridade segundo Zabala, Antoni. *A prática educativa - Como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

| Organização de conteúdos | |
|--|--|
| Por disciplinas | Interdisciplinar |
| <ul style="list-style-type: none">- Toma como ponto de partida ou referência básica as disciplinas ou matérias- as disciplinas justificam os conteúdos de aprendizagem e não perdem sua identidade como a matéria diferenciada- o domínio da disciplina é a finalidade do ensino- como ponto de partida, a concepção de como se aprende tem uma importância relativa - não prioritária- a disciplina, seus conceitos e informações são os objetos de aprendizagem- os alunos não conhecem o sentido da tarefa escolar | <ul style="list-style-type: none">- a lógica interna das disciplinas deixa de ser o referencial básico para seleção de conteúdos- nas situações de atividades, os conteúdos passam de uma disciplina para outra sem perder a continuidade- as disciplinas nunca são a finalidade do ensino, mas sim proporcionam os meios ou instrumentos que devem favorecer a realização dos objetivos educacionais- o valor dos diferentes conteúdos disciplinares está condicionado sempre aos objetivos que se pretende- o alvo e o referencial organizador fundamental é a formação do aluno e suas necessidades educativas- a importância das disciplinas está nas suas potencialidades formativas- a concepção de como se aprende orienta a organização dos conteúdos desde o início do trabalho- os métodos de ensino ganham importância, - valoriza-se a aprendizagem significativa, com um maior número de vínculos substantivos entre os conhecimentos prévios e as situações favoráveis de aprendizagem- diferentes tipos de conteúdos formativos são considerados - "saber", "saber fazer" e "ser"- é importante que os alunos saibam porque estão estudando os conteúdos |

Registros da atividade de interdisciplinaridade em relatórios

"Mesmo sabendo que a finalidade da atividade não era exatamente essa, confesso que não consegui conduzi-la da mesma forma como estava prevista, e o mais sério: me envolvi com as histórias contadas e quis conhecê-las ... Não foi nada fácil, mas consegui retornar e fazer a conexão da letra da música com um trabalho interdisciplinar, perguntando aos professores se eles achavam a música adequada para tal e como fariam." Relatório Jeci Bulhões de Araújo - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

* * *

"No segundo dia, iniciei os trabalhos, compartilhando a leitura do conto – O boi da cara preta, de Carlos Carvalho¹ – e dei seqüência à pauta. Diante do imprevisto de não ter, naquele momento, disponível um cd-player inverti as posições das atividades e comecei a discutir interdisciplinaridade. O grupo, de falante e participativo, passou a ter uma postura passiva, típica de quem não tem muita segurança ou familiaridade sobre o assunto. Mudei a abordagem, perguntando sobre a situação da escola atual. A partir dela fomos agrupando o que dizia respeito a disciplinaridade, a multi e a interdisciplinaridade. Por fim, uma professora de Irecê leu um texto sobre interdisciplinaridade retirada da revista "Paty", sintetizando a discussão. Então, foi tocada a música "Sobradinho", de Sá e Guarabyra e proposta a atividade 1, módulo 8, p.278 do Guia do Formador.

Os bons resultados obtidos pelos grupos levam a crer que o fato de primeiro discutir interdisciplinaridade e depois ouvir a música tenha direcionado o olhar dos envolvidos para o tema em pauta." - Relatório Rose Fechio - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

◆ **Módulo 3 - Atividade 1 - Ser humano, Sociedade e Natureza**

- Preparação: A idéia é acrescentar uma atividade ou realizar um debate que ajude os participantes a analisarem as representações de natureza presentes nos textos.
- Apresentar a imagem da abertura do módulo (em transparência, ou pedindo para os coordenadores analisarem a partir da observação da reprodução no Guia do Formador, p. 57). Discutir:
 - *A alegoria;*
 - *O seu contexto histórico;*
 - *O desenho como representação e permeado por valores e referências culturais de uma época e cultura.*

¹ CARVALHO, Carlos. *Boi da cara preta*. In: AGUIAR, Flávio. *Com palmas medida. Terra, trabalho e conflito na literatura brasileira*. São Paulo: Boitempo, 1999, pp. 352 – 354.

- Ver material complementar abaixo

Informações sobre a alegoria: Nas alegorias, os artistas utilizam uma imagem para falar de uma outra coisa que não está relacionada a ela figurativamente. Na Europa, nos séculos XVI e XVII era comum desenhos de mulheres simbolizarem continentes. Na gravura, Américo Vespúcio está no Novo Mundo e diante de uma mulher indígena que representa alegoricamente a América. *"Américo Vespúcio, O Descobridor, vem do mar. De pé, vestido, encouraçado, cruzado, trazendo as armas européias do sentido e tendo por detrás dele os navios que trarão para o Ocidente os tesouros de um paraíso. Diante dele a América Índia, mulher estendida, nua, presença não nomeada da diferença, corpo que desperta num espaço de vegetações e animais exóticos."*

(Michael de Certeau - A escrita da história. 2ª. ed., RJ: Forense Universitária, 2000, p. 9).

É possível ainda observar se a representação da mulher índia é ou não semelhante às representações das mulheres européias renascentistas - "gordinhas". Será que as índias eram assim? Ou é o olhar do europeu a partir de suas próprias referências culturais e de suas tendências artísticas? É uma representação? Podemos distinguir nossa concepção hoje da mulher indígena desta representação européia do século XVI?

Para complementar, procurar exemplos de alegorias de contextos atuais e citar como exemplo, se necessário.

- Atividade: Ler coletivamente os dois primeiros parágrafos do texto de introdução do módulo 3 (p. 59) e pedir que os participantes façam comentários por escrito no CR: dúvidas, controvérsias, questões, idéias complementares....
- Apresentar a finalidade da atividade: *"propiciar a reflexão a respeito do modo pelo qual a ação e o olhar humanos em relação à natureza sofrem variações em diferentes contextos históricos, fundamentados e orientados por valores econômicos, sociais, culturais e religiosos."*
- Dividir os participantes em 5 grupos.
 - Pedir que cada grupo leia textos que estão na Atividade 1 - Módulo 3:
 - Grupo 1 - Textos: Keith Thomas (p. 62), Urso-em-pé (p.p. 62-63)
 - Grupo 2 - Textos: Ícaro (p. 63), Rogério Medeiros (p. 64)
 - Grupo 3 - Textos: Jean de Léry (p.p. 63-64), Volney (p.p. 64 - 65)
 - Grupo 4 - Textos: Aristóteles (p. 63), Waldemar de Andrade (p.65)
 - Grupo 5 - Textos: Isabel Cristina de Moura Carvalho (p.p. 67, 68 e início da 69)

- É possível explicar que Ícaro refere-se à **Revista Ícaro da Varig**; que **Aristóteles** era um filósofo grego que viveu no século IV a.C. (384 - 322 a.C.); que a

Inglatera Tudor, citada no texto de **Keith Thomas**, refere-se aos séculos XV ao XVII; que se quiserem **algumas dicas** para facilitar a interpretação de alguns dos textos, podem ler o início do texto da página 271 do Guia do Formador.

- A partir das leituras, cada grupo deve apresentar e explicar (pode usar cartaz, transparência...): os contextos dos textos, suas principais idéias acerca da natureza, as diferenças e semelhanças entre as idéias dos textos, semelhanças e diferenças em relação às idéias atuais....
 - Anotar na lousa o que se espera que identifiquem nos textos:
 - Contextos históricos mencionados;
 - Concepções de natureza expressas;
 - Diferenças e semelhanças entre as concepções identificadas neles e suas concepções atuais.
- É possível debater previamente o que os participantes estão entendendo por contexto histórico (*época do autor, época mencionada no texto, local de referência no texto...*).
- Pedir para os grupos prepararem apresentações de 3 minutos e com tom criativo.
 - Apresentação dos grupos e debate.

Registros da atividade ser humano, sociedade e natureza em relatórios

"O encontro durante o almoço com o grupo de formadoras que coordenavam as atividades na SEMED alertou a Antonia sobre a necessidade de adaptar a atividade correspondente ao Módulo 3 (Sociedade e Natureza). Sonia, Regina e Jeci haviam verificado que as pessoas tiveram muita dificuldade para entender o vocabulário e as concepções de natureza da atividade 1 do módulo 3. Estas informações foram fundamentais para a Antonia. À tarde ela iniciou explicando os propósitos daquela atividade, desenvolvendo a idéia de contexto e representação. Solicitou que os participantes abrissem o Guia do formador (pág. 57) e observassem a imagem ali existente. Elaborou uma série de questionamentos a fim de conduzir a reflexão.

" – O que vocês acham que representa essa imagem? Ela é uma alegoria! O que é uma alegoria?

- Algo que não é real!

- O que ela representa? Quem é a mulher que está na rede?

- É uma índia!

- Tem certeza? Observe os traços.

- *Parece uma mulher branca.*
- *Pois é uma mulher branca. Ela representa o continente americano. E o homem? Quem é esse homem?*
- *Talvez se trate de Colombo!*
- *Isso mesmo! Portanto essa imagem 'fala' sobre qual assunto?*
- *Sobre o descobrimento da América. ”*

Este diálogo possibilitou a leitura da imagem e mostrou para público presente que as pessoas elaboravam representações diferentes em cada época, em decorrência do contexto histórico, social, econômico e cultural.” - Relatório Andréa Lourdes Monteiro Scabello - Acre - novembro de 2001

* * *

"Na hora do almoço, conversando com as formadoras (Sonia, Regina e Jeci) que coordenavam o encontro da SEMED e tiveram tempo de adiantar a pauta, fiquei sabendo que os participantes tiveram muita dificuldade de distinguir as concepções de natureza da atividade 1 do módulo 3. Na parte da tarde, então, com o meu grupo, resolvi introduzir uma atividade para ajudá-los a entender o que é uma representação, as distâncias que nos separam de valores de outras épocas e o que significa contextualizar historicamente. Pedi para todos abrirem o guia na imagem de capa do módulo 3 e fui questionando o que viam, quem eram aquelas pessoas... até discutir a alegoria da mulher representando a América, criada no século XVI. Para garantir que entendiam a proposição do trabalho, anotei na lousa o que estava sendo solicitado, esclarecendo o que significava contexto histórico. Para garantir ainda mais as possíveis dificuldades, passei de grupo em grupo orientando e ajudando na análise dos textos que precisavam ser lidos e apresentados. Desta forma, alguns grupos conseguiram fazer boas análises, enquanto outros, inconformados com a possibilidade de propagarem suas crenças ambientalistas, acabaram impondo concepções atuais de natureza aos textos de séculos passados." Relatório Antonia Terra - Acre - novembro de 2001

* * *

"Apresentei a imagem da abertura do módulo em transparência e discutimos: A alegoria; seu contexto histórico; e o desenho como representação é permeado por valores e referências culturais de uma época e cultura. Aproveitei para amarrar a discussão da imagem à alegoria e ao contexto do conto Boi da cara preta. O resultado dessa atividade, apresentada em grupo, também foi satisfatório." - Relatório Rose Fechio - Irecê - Bahia - dezembro de 2001

① **Tarde**

◆ **Continuação - Módulo 3 - Atividade 1 - Ser humano, Sociedade e Natureza**

- Retomando a atividade da manhã, coletivamente pedir que todos respondam: *Por que é possível falar em diferentes concepções de natureza?*
- Avaliar a atividade - Ler novamente os dois primeiros parágrafos da introdução do módulo 3.
- Recuperar a finalidade para a avaliação.
- Olhar a atividade 1 do módulo 3, como está no livro, identificando a mudança feita na adaptação.
- Pedir para cada um, individualmente, escrever no seu CR uma síntese da atividade realizada, focando sua finalidade.
- O formador apresenta a estrutura toda do módulo - sua seqüência conceitual /didática, e entrega cópia para eles (Anexo).
- Pedir para que confrontem o que escreveram sobre a atividade nos seus CRs com a síntese apresentada.
- Ler a seqüência conceitual/didática com os coordenadores, registrando na lousa palavras-chave - conceitos - que sintetizem as finalidades das atividades do módulo. Exemplo:
 - ATIVIDADE 1: concepção de natureza;
 - ATIVIDADE 2: o que é meio ambiente;
 - ATIVIDADE 3: amplitude temporal, espacial, global e local da questão ambiental;
 - ATIVIDADE 4: conflitos sócio-ambientais.
- Recuperar a lógica da organização das atividades ao longo do módulo, questionando, por exemplo:
 - *É possível desenvolver a atividade 4 antes da 1?*
 - *Ou, é possível debater as questões da atividade 3 sem antes discutir o que é meio ambiente?*
- Explicar / recomendar a preocupação com a lógica de organização das atividades dentro do módulo - identificando suas seqüências conceituais e didáticas - explicitando que é para tomar cuidado quando se isola uma atividade das outras.
- Pedir para fazer registro no CR

Registro da seqüência conceitual-didática em relatórios

*“Dei prosseguimento aos trabalhos abordando **seqüência conceitual didática**. Junto com as anotações dos cadernos de registro dos coordenadores, recuperamos a estrutura da atividade das alegorias e*

representações. Através do resgate da estrutura da atividade fiz alguns questionamentos que puderam enfatizar a sequência lógica existente na estrutura da atividade. Perguntei: Como ficaria a atividade sem a análise da imagem e sem a discussão do que é alegoria e representação? Esta atividade faria falta? A leitura da imagem poderia ir para o fim? Por que está no início? Através destes questionamentos o grupo pôde perceber a sequência lógica existente na estrutura da atividade. Foi a oportunidade de comentar sobre a necessidade de se seguir as atividades (1,2,3 e 4) existentes dentro de cada módulo. Para se fazer inicialmente uma atividade que não a número 1, é necessário verificar se esta exige o conhecimento de conceitos existentes nos módulos nos exercícios anteriores.” Relatório Fabrício G Violini – Mossoró – Rio Grande do Norte – abril de 2002.

◆ **Preparação do estudo do meio**

- Explicar para o grupo onde será realizado o estudo do meio.
- Organizar os participantes em grupos.
- Pedir aos grupos que façam:
 - uma lista do que esperam encontrar no local, quais formas de vida, quais paisagens visuais, olfativas, sonoras, as condições do solo, das águas, a interferência humana na natureza - pedir para escreverem em um cartaz;
 - uma lista de como se deve realizar estudos do meio e as razões de sua importância na formação de professores.
- Pedir para os grupos apresentarem suas expectativas e o que escreveram sobre o estudo do meio.
- No retorno, retomar os cartazes iniciais.
- Propor aos participantes que façam um registro - por escrito (versos, relatos..., pensamento...), desenho... - que dê conta de contar algo de que gostou ou se impressionou no local. Para esta produção, é possível dividir a turma em grupos e tematizar suas observações e registros.
- Sugestões de temas (podem ser outros dependendo das questões ambientais locais):
 - grupo 1 - **Água**;
 - grupo 2 - **Flora e Fauna**;
 - grupo 3 - **Relação do ser humano com a natureza**;
 - grupo 4 - **As paisagens e suas mudanças**
- Explicar que terão um tempo específico para isto. Este registro deve ser apresentado no retorno para a construção de um mural.

- Sugerir que os participantes levem materiais necessários para este registro (papel, canetas coloridas....). **Lembrar a todos de irem com roupas adequadas.**
- Discutir a importância do estudo do meio na formação de professores

Terceiro Dia

① Manhã

◆ Estudo do meio

Registros do estudo do meio em relatórios

"...Ao chegar no Parque o grupo dirigiu-se ao anfiteatro da Faculdade de Engenharia. Neste local já deveria estar a espera, o grupo da SEMED e a equipe responsável pelo Parque Zoobotânico.

Ali, foi realizada uma apresentação dos projetos mais importantes do parque, com destaque para o viveiro e herbário. Este Parque, atualmente, está ligado à Reitoria da Universidade Federal do Acre (UFAC) destacando-se na realização de pesquisas de manejo e na elaboração de cursos de extensão, atendendo a comunidade em geral.

O Parque foi criado na década de 1980, num local onde existia um pasto. A vegetação da floresta se regenerou, dando origem a uma vegetação secundária.

Após esta exposição Cristina subdividiu o grupo em dois. Assim, um deles iniciou a caminhada pela trilha até o setor de mudas enquanto o outro se dirigia para o barracão do Projeto Arboreto. Após o lanche inverteu-se o trajeto. Antônia havia proposto ao grupo que realizasse desenhos, relatos ou outras atividades no decorrer da visita, pois a tarde seria montado um painel. Fiz um pequeno esboço. Infelizmente não tive tempo de finalizar.

O estudo do meio transcorreu sem grandes problemas. Foi bastante interessante observar espécies típicas da Floresta Amazônica, principalmente identificar a seringueira e a jarina (árvore conhecida, na região, por sua semente de aspecto semelhante ao marfim). Parece que o grupo estreitou os vínculos. Considero que os resultados foram positivos." - Relatório Andréa Lourdes Monteiro Scabello - Acre - novembro de 2001.

* * *

"Antes de adentrarmos na caatinga, recebemos dos guias as devidas orientações em relação a nossa conduta, ao respeito que deveríamos ter com a natureza. Particpei do grupo monitorado por Maria – ambientalista militante de um grupo local. A caminhada pela trilha foi bastante prazerosa. Apesar de nordestina ainda não tinha vivenciado tal experiência. Aprendi bastante com os professores: verdadeiros mestres da caatinga!" - Relatório Jeci Bulhões de Araújo - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

① **Tarde**

◆ **Retorno do Estudo do Meio**

- Retomar as expectativas iniciais e confrontar com as vivências no estudo do meio.
- Resgatar estratégias utilizadas no estudo do meio.
- Organizar os materiais que os participantes registraram em um painel e em apresentações.

Registro do retorno do estudo do meio em relatório

"No dia seguinte, no trajeto da secretaria para o parque, recolhi os textos dos coordenadores. Antes de entrarmos no parque, assistimos a uma palestra sobre a história do Parque Zoobotânico. Com ajuda dos monitores, conhecemos algumas árvores e animais da floresta amazônica. Na volta, propus que uma professora anotasse em um cartaz as expectativas iniciais de todos (que fui lendo nos textos encomendados) e outra anotasse as confrontações entre estas expectativas e o que realmente encontraram no parque. Os dois cartazes foram afixados na parede. Montamos então um painel que recebeu como título "Nas trilhas do parque". Cada um colou sua obra e apresentou para o grupo.

A avaliação do estudo do meio foi positiva. É possível organizar metodologicamente o trabalho e entregar a orientação de guia local para quem é da região. Mas, nas escolhas metodológicas, é fundamental organizar as expectativas antes de ir, compartilhando-as com o grupo. É possível para aperfeiçoar o trabalho dividir a turma em grupos e cada um ficar com um tema para observar. Isso talvez enriqueça as apresentações posteriores e amplie os olhares." Relatório Antonia Terra - Acre - novembro de 2001.

"À tarde voltamos para o ISE e retomamos as atividades de levantamento de expectativas, agora, nos mesmos grupos do dia anterior, os

participantes deveriam confrontar suas expectativas e as reais observações do local.

Os grupos haviam confeccionado um cartaz no dia anterior e aproveitaram o mesmo para colocar suas inferências a respeito da atividade solicitada.

Esta etapa do trabalho é muito rica e interessante porque os professores conseguem compreender a importância de realizar o estudo do meio com professores e o quanto é importante realizar uma atividade estruturada a respeito da localidade a ser observada.

Ao final das apresentações realizamos uma discussão acerca da questão: Por que é importante fazer estudo do meio com os professores? Nas respostas surgiram a importância de vivenciar e não somente teorizar, a importância de observar diferentes tipos de ambientes, e a pouca frequência de trabalho de estudo do meio com professores.

Em seguida os participantes fizeram uma listagem de aspectos relevantes na elaboração do estudo do meio".- Relatório Maria Alessandra Lima Moulin- São José dos Campos- São Paulo – abril de 2002

◆ **Início da preparação da Simulação**

Apresentação da proposta de simulação

- Apresentação de sugestões de atividades de simulação dentro de nossas prioridades.

- **Módulo 6** - BIODIVERSIDADE - *atividade 1* - adaptada

- Sugestão de adaptação - Substituir a música por outra (Atividade do *Guia de Atividades para Sala de Aula*, p.p. 48 - 49) – Entregar a letra da música (ou pedir que olhem na capa do CD) e tocar a música do CD – *Matança*, de Jatobá. - Discutir um pouco sobre o conteúdo da letra, intenção do autor, a música em si, estilo da música, o que sabem sobre as árvores.... - Mostrar pranchas e / ou transparência das árvores citadas - Individualmente, pedir que completem no Caderno de Registro a frase: **O meu conceito de biodiversidade é...** - Solicitar a alguns voluntários para compartilharem o registro pessoal. - Dividir o grupo em duplas ou trincas, compartilhar as respostas e elaborar uma para representar o pequeno grupo. **Acreditamos que biodiversidade é...** Fazer o registro no caderno. - Pedir que individualmente cada um faça a leitura dos textos Guia do Formador “Definindo a Biodiversidade” p.p. 195 e 196 - Após as leituras, pedir para os grupos

voltarem à sua definição de biodiversidade e complementá-la ou reorganizá-la, caso seja necessário. - Apresentar a definição do grupo. **Concluimos que biodiversidade é...** - Registrar no caderno. - Avaliar.

- **Módulo 5** - SUSTENTABILIDADE: tema orientador das ações relacionadas à questão ambiental - *Atividade 1* - Modos de vida (adaptar).

- Sugestão para adaptar a atividade - Substituir as imagens do Guia por outra; criar uma situação de fechamento, como por exemplo: ler coletivamente o texto "Sustentabilidade" do item "Algumas questões acerca da sustentabilidade" da p. 158; e, depois, o texto do item "**É Importante**" da página 155 do Guia do Formador (os dois textos estão montados em anexo).

- **Módulo 7** - ÁGUA - *Atividade 1* - As condições dos recursos hídricos do planeta (adaptada)

- Sugestão para adaptação: Fazer a leitura literária sobre um rio da região; levar o programa de vídeo pedido; selecionar os textos (são 10 textos); por exemplo: organizar 5 grupos, selecionar 5 e entregar 1 para cada grupo (podem ser os textos 1, 2, 5, 6 e 8). A proposta pode ser cada grupo preparar atividades interdisciplinares para trabalhar estes textos com seus alunos. Como trabalharia o tema do texto? Como usaria o texto? Que outras atividades realizaria?... Apresentação dos grupos e sugestão de que o material produzido passe a constar do Caderno de Projetos. - Avaliação

- Leitura do texto que orienta a simulação
- Escolha das atividades - Sugestões
- Trabalho em grupo - Planejamento e pauta

Registros da atividade de simulação em relatórios

"Agora era a vez dos participantes vivenciarem um outro tipo de experiência: a simulação. Fiz a leitura do texto que orienta essa atividade, organizei os participantes em três grupos e eles fizeram um sorteio das atividades que seriam realizadas. Durante o planejamento, percorri os grupos, orientei-os na elaboração de pautas, discutimos a proposta de avaliação, a coordenação, o tempo que teriam para realizar a atividade (uma hora) e forneci os materiais didáticos necessários.

No dia seguinte, os grupos ainda tiveram até o intervalo do lanche para concluir os preparativos para a realização da simulação...." Relatório Jeci Bulhões de Araújo - Irecê - Bahia - dezembro de 2001

* * *

"A seguir, dividi os participantes em três grupos, com base nos municípios de origem e iniciei a preparação da simulação: O primeiro grupo escolheu a atividade 1, do módulo 7 – Água. O segundo, a atividade 1 do módulo 5 – Sustentabilidade e o último ficou com a atividade 1, do módulo 6 – Biodiversidade. Distribui material de apoio às equipes: pranchas, transparências de gravuras, CD, fita de vídeo, textos, artigos, biografias e autobiografia de Carlos Drummond de Andrade. Percorri os grupos acompanhando as discussões, procurando interferir pouco. Eles estavam no caminho certo." - Relatório Rose Fechio - Irecê - Bahia - dezembro de 2001

Quarto dia

① Manhã

- ◆ **Leitura literária**
- ◆ **Continuação da preparação da Simulação**
 - os grupos fazem seus preparativos finais
- ◆ **Simulação do grupo 1**
 - Coordenação do grupo
 - Auto-avaliação do grupo
 - Avaliação do trabalho do grupo pelos participantes
- ◆ **Simulação do grupo 2**
 - Apresentação
 - Auto-avaliação do grupo
 - Avaliação do trabalho do grupo pelos participantes
- ◆ **Simulação do grupo 3**
 - Apresentação
 - Auto-avaliação do grupo
 - Avaliação do trabalho do grupo pelos participantes

Registros em relatórios

"Todas as simulações foram bem sucedidas. Aprendi com um dos grupos sobre a importância de organizar o espaço da sala de aula, favorecendo

aproximações e convergência de atenção. As carteiras que estavam dispersas foram reorganizadas em círculo ao redor do coordenador. Adotei o mesmo procedimento até o final da semana. Apreendi também que a leitura da Rachel de Queiroz - Ai Amazonas, é maravilhosa!!!! Foi lida de forma muito interessante por uma das coordenadoras e todas as outras ficaram bem emocionadas." - Relatório Antonia Terra - São José dos Campos - SP - Abril de 2002.

"Iniciamos o trabalho na quinta feira com o planejamento das simulações. Dois grupos trouxeram materiais de casa, e mostraram que haviam trabalhado fora do horário do encontro. Apesar destes grupos terem se apresentado bem e terem adaptado as atividades sem prejuízo de sua finalidade, percebi que havia a preocupação de substituírem textos por imagens e/ou músicas. Um dos coordenadores deu aula e percebeu isto na auto-avaliação. Discuti com eles a importância das leituras literárias, a função dos textos nas atividades, o papel das imagens e dos textos, as estratégias escolhidas e nossa "compulsão por aulas". Relatório Sonia Marina Muhringer- São José dos Campos - SP - Abril de 2002.

Quinto dia

① **Manhã e Tarde**

◆ **Leitura Literária**

◆ **Planejamento da Implementação pelos coordenadores:**

- Apresentar a finalidade da atividade.
- Solicitar aos participantes, em grupo, que façam um levantamento do que devem considerar para o planejamento do trabalho da Fase 2 - ex.: grupo de estudo dos coordenadores, trabalho junto aos professores, horários, periodicidade, organização de material...
- Abrir um debate geral, sistematizando no quadro as principais conclusões.
- Entregar o texto da Madalena Freire e fazer uma leitura compartilhada.
- Sistematizar as principais conclusões.

- Apresentar o *Documento para o exercício de planejamento* , seu significado e sentido.
- Preenchimento do documento.
- Avaliação da atividade.

Registro do trabalho com o texto da Madalena Freire

"No quinto dia, experimentei a pauta nova. Li coletivamente, parando e discutindo, o texto da Madalene Freire, pontuando principalmente problemas e soluções vividas por coordenadores no trabalho de formação de professores. Ressaltamos a importância do registro, da avaliação contínua, do planejamento, da montagem da pauta... No final, entreguei o exercício de planejamento. Percebi, um pouco antes, que o documento não estava adequado para as condições de SJ, que ele tinha sido elaborado para ser usado no final do ano passado, quando os coordenadores deveriam ter dezembro e janeiro para estudar. Diante disso, a minha proposta foi que elas adaptassem o material para a realidade de SJ e de SJ do Barreiro." Relatório Antonia Terra - São José dos Campos - Abril - 2002.

◆ **Leitura do Caderno Volante**

- Pedir para cada pessoa que tenha feito registro no CV ler o que escreveu para o grupo.

Registro da leitura do CR e da avaliação recuperando objetivos do encontro em relatório

"A leitura do CV foi realizada pausadamente, buscando refletir sobre o que realmente ocorreu e o que foi registrado, permeando, portanto, uma discussão breve sobre o caderno como meio de fixação de uma certa memória do grupo.

Encerrada a leitura apresentei, pela primeira vez, os objetivos do encontro e fomos passando, ponto a ponto, verificando seu cumprimento...."
Relatório Rosana Núbia Sorbille - Irecê - Bahia - dezembro de 2001.

◆ **Avaliação do encontro**

- 1) Entregar ficha de avaliação para os participantes preencherem (ver anexo)
- 2) Recolher ficha

Fazer avaliação oral a partir de certos critérios.

Sugestão:

- apresentar os objetivos do encontro, avaliar se foram atingidos e apontar quais podem ser as prioridades de estudo dos coordenadores na Fase 2.

Dica: Alguns formadores tem optado por entregar a ficha de avaliação no dia anterior para os participantes preencherem em casa e entregarem neste último momento do encontro.

ANEXOS

→ **Pauta resumida do encontro**

- Leituras literárias
- Apresentação dos participantes
- Caderno de Registro e Caderno Volante
- Pauta
- Combinados
- Apresentação do programa
- Apresentação do material
- Apresentação dos módulos e da sua estrutura
- Modulo 3 - Ser humano, Sociedade e Natureza
- Estudo do Meio
- Planejamento da Simulação
- Simulação pelos grupos
- Reunião de Implementação do programa
- Leitura do CV
- Avaliação

→ **Combinados**

- Horário
- Caderno de Registro
- Caderno Volante
- Nosso Ambiente
- Celular

→ Seqüência Didática

• Módulo 3 - Ser humano, Sociedade e Natureza

Finalidade - O que queremos que os professores aprendam/discutam:

Diferentes concepções de natureza; diferença entre conceito de natureza e meio ambiente; diferentes conceitos de meio ambiente, suas controvérsias e conflitos. E a amplitude da questão ambiental (global, local, temporal...). E os conflitos socioambientais - diferentes sujeitos envolvidos nas suas soluções e nos projetos de sociedade.

Seqüência conceitual/didática

Foi montada uma atividade inicial discutindo diferentes concepções de natureza no tempo, espaço, culturas, sujeitos sociais... - sem tocar no conceito de "meio ambiente". A premissa foi garantir a idéia de diversidade de concepções, para depois realizar uma atividade discutindo se "natureza" é sinônimo ou não de "meio ambiente". Didaticamente, as escolhas foram: grupos interdisciplinares e confrontação de concepções a partir de leitura de textos de diferentes, épocas, lugares, culturas... E depois leitura compartilhada de um texto síntese - da Isabel Cristina....

Na atividade 2, a intenção foi discutir o conceito de meio ambiente intervindo nas concepções de senso comum (feitas através de levantamento prévio - cartazes) e apresentando conceitos científicos, tentando-se aproximar do que é meio ambiente, suas transformações e discussões (através de leituras de textos). Não se reduz a apresentar um conceito, mas apresenta a discussão entre diferentes autores que se esforçam para defini-lo. Há também uma atividade para a análise de como têm sido usados os termos meio ambiente e natureza em textos. Retomando, no fim, à concepção inicial dos participantes.

Na atividade 3, a intenção é ir além da idéia de que meio ambiente se restringe a espaços locais. São apresentados para leitura dois textos que se referem às relações entre diferentes espaços do planeta e relações entre as questões ambientais no tempo (poluição por chumbo da Roma antiga, registrada no gelo da Groelândia); e várias questões provocativas sobre o tema.

Na atividade 4, a intenção é discutir que a questão ambiental (a intervenção no meio ambiente) envolve conflitos sociais, econômicos, políticos..., permeados por diferentes interesses e projetos de sociedade. Para isso, é proposto um problema ambiental real - a construção de hidrelétrica que provoca a inundação de terras de quilombolas. Com a turma dividida em grupos, é proposto que os professores analisem diferentes interesses, proponham soluções, como em um tribunal. Depois,

através de textos, são apresentadas questões ambientais reais e como foram solucionadas. Há a sugestão de se discutir uma questão ambiental local real e os conflitos envolvidos na sua solução.

→ **Orientações para atividade de simulação**

Na proposta da "SITUAÇÃO DE SIMULAÇÃO" o grupo tem a oportunidade de ler o material, planejar e coordenar atividades.

O importante nesta atividade é ter uma vivência do trabalho do coordenador, com a vantagem de poder contar com a ajuda de outras pessoas para planejar, coordenar e avaliar. Na simulação é possível identificar problemas, dificuldades e lições que podem ajudar mais tarde na organização e implantação do programa e no planejamento e coordenação das atividades.

Situação de simulação

Estamos considerando que a situação de simulação é um momento de aprendizagem como "formador" e uma oportunidade a mais de:

- conhecer o material;
- conhecer diferentes atividades;
- conhecer diferentes estratégias didáticas;
- refletir sobre a importância de ter disponibilidade (vontade e esforço) para conhecer o material;
- refletir, com ponderação, quando é necessário ou não modificar as atividades propostas;
- refletir sobre as propostas do PCN e como utilizá-lo como material para estudos com os professores;
- identificar possíveis problemas e "boas" idéias para solucioná-los na implantação do programa.

Crítérios para atividades de simulação

A equipe do MEC identificou algumas atividades para simulação que são sugeridas abaixo. Nestas sugestões, alguns critérios estão sendo considerados:

- oportunidade de conhecer outras estratégias didáticas;
- tempo para realizá-la;
- pertencerem a módulos diferentes, favorecendo o conhecimento (mesmo parcial) do material;
- disponibilidade de condições materiais para realizá-las;
- possibilidade de realizá-las do modo como estão sugeridas;
- possibilidade de adaptá-las;
- propiciar debates para se refletir sobre implantação do programa.

Sugestões de atividades para simulação

- *Módulo 5 - SUSTENTABILIDADE: tema orientador das ações relacionadas à questão ambiental - Atividade 1 - Modos de Vida*
- *Módulo 6 - BIODIVERSIDADE - Atividade 1 - O que é biodiversidade?*
- *Módulo 7 - Água - Atividade 1 - As condições dos recursos hídricos do planeta*
- *Módulo 9 - Resíduos - Atividade 1 - A produção de resíduos*

A experiência tem demonstrado que, por conta do tempo, a classe deve se dividir em, no máximo, três grupos. Cada grupo deve escolher uma das sugestões de atividade para planejar e coordenar.

Cada grupo precisa se organizar para desenvolver a atividade no máximo em UMA HORA.

Alguns critérios comuns para atividades sugeridas

Possibilitam, na situação de simulação, debater:

- a dificuldade do coordenador, diante do material, de ler e compreender a atividade como está sugerida e suas sutilezas metodológicas (coerência entre finalidades, estratégias e abordagem do conteúdo);
- a necessidade do coordenador estudar a concepção e fundamentação do conteúdo trabalhado, para não incorrer em equívocos conceituais;
- a importância de compartilhar com outros formadores dúvidas, concepções e momentos de planejamento e estudo;
- esforço de manter a coerência entre a concepção do conteúdo e a coordenação do debate suscitado na atividade.

Orientações para planejar a simulação

- Ler o módulo inteiro;
- Prestar atenção na finalidade do módulo, verificando se as atividades conseguem atingi-la;
- Ler com atenção a(s) atividade(s) que coordenam discernindo as estratégias didáticas e as orientações necessárias ao longo do trabalho;
- Montar uma pauta, que deve conter: tempo previsto, material necessário, seqüência de atividades e momento de avaliação;
- Na pauta, não esquecer de incluir a apresentação do tema e a finalidade e, no final, de realizar a avaliação considerando a finalidade proposta;
- EVITAR A COMPULSÃO POR DAR AULA.

Critérios para avaliação da simulação

- No final das apresentações, os grupos avaliam as atividades a partir das finalidades.
- A classe avalia (aconselhando) o trabalho de coordenação desenvolvido pelo grupo - o que ficou bom, o que podiam ter feito, como ficaria melhor...
- O grupo que coordenou avalia a experiência e seu desempenho - ler o material, planejar e coordenar as atividades - quais foram as dificuldades, as lições que aprendeu, se faria de outro modo, o que faltou, do que gostou...

LEMBRANDO...

Entre os objetivos deste encontro estão:

- familiarizar o coordenador (você) com o material do *Programa Parâmetros em Ação - Meio Ambiente na Escola*, com o qual irá trabalhar;
- refletir sobre concepções e metodologias de formação continuada de educadores;
- debater funções e responsabilidades na implantação e desenvolvimento do programa.

A nossa intenção nesse encontro é que você:

- inicie algumas reflexões sobre idéias e conceitos pertinentes à Educação Ambiental;
- conheça e reflita sobre uma diversidade de estratégias didáticas possíveis;
- fique sensibilizado para a importância de sempre explicitar as intenções, os objetivos e as finalidades do estudo para os professores que você irá coordenar;
- avalie sempre a coerência entre as escolhas de estratégia(s) e os resultados alcançados;
- conheça e avalie diferentes atividades propostas no material do *Parâmetro em Ação - Meio Ambiente na Escola*;
- tenha disponibilidade (vontade e esforço) para conhecer o que está sendo proposto no material (nos módulos e atividades), antes de negá-lo ou substituí-lo por aquilo que você já domina melhor ou conhece;
-

- fique sensibilizado para avaliar, com ponderação, quando é necessário ou não modificar as atividades propostas do material e/ou introduzir outras e/ou selecionar as mais adequadas ou convenientes para o estudo a ser desenvolvido;
- sinta-se com autonomia e responsabilidade para organizar, preparar, coordenar e avaliar situações de formação continuada de professores.

Bibliografia complementar:

ZABALA, Antoni. *A prática educativa. Como ensinar*. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PERRENOUD, Philippe. *10 Novas Competências para Ensinar*. Tradução Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

→ Ficha de avaliação final do encontro

NOME (OPCIONAL) _____

PERÍODO DO ENCONTRO ____ / ____ / ____ à ____ / ____ / ____

LOCAL: _____

FORMADOR (A): _____

A função de formador de um grupo de professores coloca a necessidade de estudos permanentes sobre os assuntos que são objetos da formação. Não há portanto um estado em que o conhecimento sobre um tema esteja concluído, acabado.

I- Considerando as informações que você já possuía sobre meio ambiente, o conteúdo que foi discutido neste encontro e a metodologia desenvolvida, cite alguns aspectos que contribuíram para ampliar seus conhecimentos e que servirão como suporte para sua futura atuação no programa de formação continuada de professores em educação ambiental.

II- Responda cuidadosamente a avaliação abaixo:

| | Ruim | Regular | Bom | Ótimo |
|---|-------------|----------------|------------|--------------|
| Conteúdo | | | | |
| Metodologia | | | | |
| Trabalho em grupo | | | | |
| Material do PCN em Ação – Meio Ambiente | | | | |
| Atuação do formador | | | | |
| Espaço Físico | | | | |
| Recursos didáticos | | | | |
| Carga horária | | | | |

Faça os comentários que julgar indispensáveis para a melhoria da formação.

III- Se você avalia que haverá algum tipo de dificuldade para implementação do programa PCN em Ação – Meio Ambiente na Escola, indique abaixo e explique:

IV- Comentários e sugestões finais:

Agradecemos a sua participação!

→ Texto para subsidiar o trabalho de planejamento

Sobre Planejamento² **Madalena Freire**

“Planejar é cumprir atividades em datas marcadas?

Como não viver burocraticamente o cumprimento das atividades nas datas planejadas?

Como vivê-las significativamente?

As atividades de um planejamento burocratizam-se quando o educador dicotomiza o conteúdo da matéria do conteúdo do sujeito e da dinâmica do grupo; ocasionando assim a perda do significado.

Dinâmica, conteúdo da matéria e conteúdo do sujeito não estão dissociados. Um não existe sem o outro. Como não existe sujeito sem objeto de conhecimento a ser estudado, nem objeto de conhecimento sem sujeito que conhece. A ação, interação, entre sujeito e objeto de conhecimento, é permanente.

O conteúdo emerge, explode da vida e, é na vida do grupo (dos sujeitos cognoscentes), que se constrói a dinâmica. Dinâmica aqui, entendida como fruto rítmico do jeito que o grupo vive o estudo dos conteúdos.

Como não matar, burocratizar, nem um nem outro?

Como vivê-los harmoniosamente – complementando-se – no compasso individual e coletivo? (...)

O planejamento nasce na avaliação.

Através do planejamento pensa-se o passado e o futuro para a construção do presente.

O ato de planejar instrumentaliza o aprendizado do prever que desafios adequados propor. (...)

Somente através de um planejamento rigoroso pode-se organizar, delimitar e objetivar uma intervenção adequada.

O planejamento, portanto, é o instrumental básico para a intervenção do educador. (...) Como todo processo, [este] também não é autônomo, é cheio de idas e vindas, avanços e recuos.

O planejamento organiza, sistematiza, disciplina a liberdade ao nível individual e coletivo. Ele dá os paradigmas para o exercício da prática pedagógica. Através dele podemos agilizar respostas diante do inusitado para trabalhar a improvisação. Neste sentido, o planejamento alicerça a ação criadora.(...)

Momentos do planejamento:

- 1) *Avaliação.*
- 2) *Levantamento do processo de hipóteses do planejamento especificando objetivos gerais e específicos das atividades, envolvendo materiais, tempo e espaço.*
- 3) *Acompanhamento do desenvolvimento da ação planejada: conferindo sua adequação ou não, suas possíveis mudanças etc.*
- 4) *Avaliação reflexiva do produto conquistado.*
- 5) *Replanejamento.*

Planejar para quê? Por quê? Para quem? Com o quê? Em que espaço? Com que materiais? Por quanto tempo? Professor e coordenador têm planejamento distinto?

O **ato de planejar** exige do educador uma **ação organizada**. O improvisar é importante na ação pedagógica desde que o educador tenha consciência, controle do que está improvisando. Para isso ele terá que ter organizado seu planejamento. *Ter uma ação planejada significa que o educador tem claro seus objetivos*. O que espera alcançar com cada atividade ou com determinado encaminhamento.

Quando tenho os objetivos claramente delimitados, a improvisação que possa vir a ocorrer está sob meu controle.

² In: FREIRE, Madalena (et al.). *Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997, 55-58. **Série Seminários: Instrumentos Metodológicos II**.

Tenho consciência do porque estou improvisando: determinada atividade que planejei *não deu certo*. Os motivos tenho que procurar, depois, na avaliação da mesma. Assim vivida, *a ação improvisada é produtiva, aprendendo com ela, aprofundo meu planejamento*. O desafio, portanto, *é viver o planejamento sem deixar de correr o risco de possíveis improvisações*. A improvisação, desse modo **faz parte** do planejamento **mas não é o planejamento**. Neste sentido, o educador trabalha sua flexibilidade planejando.

O desafio de todo educador na construção do planejamento é conhecer o que planeja – conteúdo da matéria e conteúdo do sujeito. *Esse é seu estudo*. Para isso precisa estruturar os objetivos de sua prática que nortearão a organização de sua ação. Ação organizada não significa ação estática, *mas ato constante de reflexão, de intervenção na realidade*.

É através desse pensar cotidianamente que o educador **sistematiza** suas previsões sobre o que está querendo conhecer.

Portanto, na concepção democrática de educação, o ato de planejar não é meramente *fabricar planos; ele é processo ininterrupto, permanente, cujo desafio é lançar-se na re-elaboração diária de novos planejamentos*. Nesse sentido o ato de planejar é processual, onde avaliação e planejamento constroem o produto.

Essa re-elaboração viva do planejamento está centrada na reflexão, no pensar da ação cotidiana. Nesse pensar temos momentos que, dentro do processo de planejar, intercomunicam-se.

No primeiro momento a observação é ferramenta básica. Os dados colhidos da observação nos leva a elaborar um **levantamento de questões** que nos remete à pesquisa, à análise, à reflexão, **ao estudo**. Esse é o momento de estudo na construção das hipóteses de planejamento.

No segundo momento, já com as hipóteses registradas (que nasceu do momento anterior) inseridas na ação, acompanhamos esta, segundo o que foi planejado.

O que está dando certo? O que não? O que estou acrescentando? O que estou tendo que improvisar? (...) *Este acompanhamento é a verificação se os encaminhamentos do planejamento estão sendo adequados, produtivos ou não*.

Na verdade, este acompanhamento da própria ação que o professor, orientador, ou o coordenador têm, só é possível se tiverem o planejamento registrado.

É importante ressaltar aqui que o acompanhamento que o professor tem do seu trabalho com as crianças é o mesmo que o orientador ou coordenador tem com seus professores.

Acompanhar, na concepção democrática de educação, *não é assistir, cobrar; mas sim interferir, questionar, problematizar*, germinando a **mudança**.

Acompanhar significa também, buscar cotidianamente **sintonia entre meus objetivos e minha ação. Sintonia entre teoria e prática**.

O terceiro momento é a **avaliação** do produto conquistado – o conhecimento construído.

Nela repensamos tudo o que ocorreu desde o primeiro momento do levantamento das hipóteses e a sua execução em relação ao planejado. O que foi a mais, o que faltou, o que foi a previsão correta, o que não foi, etc. *É durante a avaliação que gestamos o novo planejamento e onde descobrimos que há erros que só podem ser descobertos depois de cometidos*.

É, também, durante a avaliação que percebemos que estamos sendo capazes de prever possíveis **erros**, possíveis **hipóteses falsas**.

Pois, é nesse momento que amarramos o vivido e replanejamos o futuro.

É nesta concepção que *o planejamento é um processo ininterrupto, processual, organizador da conquista prazerosa dos nossos desejos onde o esforço, a perseverança, a disciplina, são armas de luta cotidiana para a mudança pedagógica*.

→ Cadastro do Grupo

Cadastro do Grupo e Previsão de Realização dos Encontros

- **Pólo:** _____
- **Município:** _____ **UF** _____
- **Instituição:** _____
- **Coordenador do Grupo:** _____
- **Nome do Grupo:** _____
- **Local dos Encontros:** _____
- **Escola:** _____
- **Frequência dos Encontros:** _____
 - Semanal
 - Quinzenal
 - Mensal
 - Outros _____

- **Nº de Participantes:** _____

Previsão da Realização do PCN em Ação-Meio Ambiente na Escola

• **Módulo 1:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 2:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 3:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 4:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 5:**
- Início: __/__/____ Término: __/__/____

• **Módulo 6:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 7:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 8:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 9:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 10:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

• **Módulo 11:**
- Início: __/__/____ - Término: __/__/____

→ Plano de Estudo e Trabalho dos Coordenadores de Grupo

Município/Estado: _____

Pólo: _____

Coordenador de Grupo _____

Data do Preenchimento: _____

Sobre o Plano Estudo e Trabalho

Este instrumento apresenta uma sugestão de planejamento que tem como finalidades auxiliar o Coordenador de Grupo na organização das ações a serem realizadas no processo de estudo³, anterior à implementação efetiva da FASE 2⁴ e, também, possibilitar o desenvolvimento de reflexões e práticas sobre o trabalho em equipe e sobre a administração da própria formação, entre outras competências profissionais. Daí seu caráter formativo e desafiador.

Para tal etapa, torna-se prioritário prever o tempo e os passos para ampliar o conhecimento do material, da organização conceitual e didática e da metodologia do *Programa* buscando assim, constituir uma familiaridade que permitirá um diálogo qualificado junto aos professores durante todo o processo de formação.

Aconselha-se, portanto, que o estudo dos módulos do *Guia do Formador* deva acontecer, primeiramente, de forma individualizada, pois isso facilitará as discussões e reuniões em grupo e, outras atividades, como por exemplo a elaboração da Seqüência Didática⁵, coletivamente.

Vale ressaltar, ainda, que este instrumento não tem como objetivo engessar o planejamento e tão pouco desprezitar a autonomia dos grupos de trabalho, ao contrário, ele deverá ser adaptado a cada realidade encontrada pelos coordenadores e poderá ser modificado a qualquer momento, quando a experiência assim exigir para o cumprimento de suas finalidades.

Bom trabalho!

³ É importante lembrar que este momento, entre a FASE 1 e a FASE 2, é fundamental, pois é quando se consolidam as relações entre os Coordenadores Gerais e de Grupo e, posteriormente, entre estes e os diretores e professores.

⁴ Início do trabalho com os grupos de professores organizados por escola/município.

⁵ Segundo o *Manual de Implementação do Programa Parâmetros em Ação - Meio Ambiente na Escola para a Rede Nacional de Formadores*, a Seqüência Didática é entendida como: as estratégias utilizadas, a seqüência de realização dos estudos dos Módulos do *Guia do Formador* e das atividades escolhidas pelo coordenador de grupo a serem realizadas com os professores na FASE 2.

I. Planos de Trabalho

Momento A

| Atividades de Estudo ⁶ | Organização | Data de Início | Data de Término | Carga Horária | Periodicidade (semanal, quinzenal, mensal) |
|-----------------------------------|--------------------------|----------------|-----------------|---------------|--|
| Introdução do Guia do Formador | Individual | | | | |
| | Com Outros Coordenadores | | | | |
| Módulo 1 do Guia do Formador | Individual | | | | |
| | Com Outros Coordenadores | | | | |
| Módulo 2 do Guia do Formador | Individual | | | | |
| | Com Outros Coordenadores | | | | |
| Módulo 3 do Guia do Formador | Individual | | | | |
| | Com Outros Coordenadores | | | | |

Momento B

| Atividades | Data de Início | Data de Término | Carga Horária |
|--|----------------|-----------------|---------------|
| Mobilização e Formação dos grupos de Professores | | | |
| Elaboração do Relatório desta Etapa | | | |

II. Sistematizando

A. Previsão de envio para a COEA dos seguintes instrumentos

1. Cadastro do Grupo e Previsão de Realização dos Encontros (Doc. 14)
2. Cadastro do Coordenador de Grupo (Doc. 15)
3. Cadastro do Participante de Grupo (Doc. 16)
4. Cadastro das Instituições Envolvidas na Implementação do *Programa* (Doc. 17)

⁶ Cada etapa de Estudo deverá contemplar a elaboração da Seqüência Didática e da Pauta de Trabalho para os professores.

B. Data de previsão do início da FASE

2: _____

B. Data para envio do relatório desta etapa⁷:

⁷ **Proposta de itens para os relatórios da etapa de estudo e trabalho dos coordenadores de grupo:**

- a. Elencar dificuldades e demandas encontradas;
- b. Apontar se fez uso dos materiais para o trabalho (como? quais?);
- c. Relatar/avaliar o processo de estudo/discussão dos módulos;
- d. Avaliar o plano de trabalho;
- e. Relatar o processo de organização dos grupos de professores.

